

# SERRA-PILAR

4 setembro 2016 | ano 42 | Tempo Comum, 23º Domingo | 1974



# ler para respirar

**N**UM TEMPO EM QUE A LEITURA SE VAI TORNANDO, gradualmente, uma coisa sumptuária, quase mal tolerada entre os imbecis que julgam conhecer o Homem dispensando-a; quando as próprias escolas foram afastando a literatura, participando no assassinato de escritores fundamentais, pelo esquecimento e o silêncio; quando as universidades praticam o mesmo desinteresse pelos livros, enredadas em coisas tão herméticas e específicas que afastam para longe as humanidades, como um cálice amargo da cultura; quando o governo é o primeiro a desinvestir na cultura; quando, durante anos do consulado cavaquista ninguém ensinou um Presidente quantos cantos tem os Lusíadas ou o avisou que uma falha dessas lhe retirava qualquer autoridade moral para poder falar no Dia de Camões; num país assim não admira que a iliteracia e um certo analfabetismo arrogante triunfem no meio da inconsciência colectiva.

Não percebem os que odeiam os livros, que lhes fazem fogueiras imaginárias, que os tratam como inutilidades que não merecem apoios nem divulgação, que sem eles, sem o estímulo da leitura, o presente é sempre um tempo cinzento e o futuro ficará irremediavelmente comprometido. Esses tipos que têm cifrões nos olhos e cérebros povoados de números e de mercados, julgando que Portugal está à frente, ainda não perceberam que caminham no sentido inverso da História.

Apostar na leitura é, pois, alargar horizontes, aprender a ler e a compreender o mundo, como dizia Paulo Freire. Vivemos num dos países que menos lê, que menos jornais consome, com menor densidade de hábitos culturais. E há quem se ria dessa alarve situação de inferioridade.

A leitura é um acto de liberdade, leiam os "mandamentos" de Daniel Pennac, esse que fala da leitura como um romance e ensina que ela só resulta se o seu destinatário tiver toda a liberdade do mundo para ler como quiser, do fim para o princípio, do princípio para o fim, parar a meio se o livro for uma chatice, isto é, encontrar no livro o prazer da leitura. Pennac é um professor francês, autor de romances, que

compreendeu cedo este fenómeno da leitura como crucial e que, precisamente no livro sobre a leitura, tem a ideia fantástica de o dedicar a um professor que lhe emprestou muitos livros e nunca lhe perguntou se os tinha lido! Penso que lá no íntimo ele sabia que os lia...

Às vezes, interrogo-me como a leitura pode tornar a vida diferente e como ela porventura teria sido diferente (seguramente desprovida de alegria) se no nosso caminhar temporal não tivéssemos encontrado pessoas que nos abriram páginas de poetas ou romancistas e nos leram em voz alta altos voos da criação. É aí, nessas descobertas ocasionais e luminosas, que as circunstâncias ampliam o homem. Alberto Manguel, ele que foi leitor de Borges, em *Une Histoire de la Lecture*", dá bem o sentido da dimensão da palavra e da leitura, como coisas essenciais. Conta que "Borges, cego, fechava as pálpebras, para melhor ouvir as palavras de um leitor invisível". E explica, também, que "todos nós nos lemos a nós próprios e lemos o mundo que nos envolve para percebermos o que somos e onde nos encontramos". E acrescenta Manguel: "Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos senão ler. Ler, quase tanto como respirar, é a nossa função essencial".

Quem escreve lavra palavras, com o mesmo rigor do camponês que abre a leira para o cultivo. Escrever e ler igual a respirar. A viver.

Comecei a preencher a folha branca do computador, com esta temática (que alguns dirão fora de moda!) porque tinha ouvido uma saborosa crónica do meu querido Fernando Alves -- sempre os seus "Sinais" na TSF, que também nos ajudam a ler a realidade próxima ou longínqua -- em que ele falava de um Professor. Embora não fosse exclusiva sobre a leitura, embora falasse de livros, penso que era também sobre estas coisas que a narrativa reflectia. De facto, como dizia, o Eduardo Guerra Carneiro (e como gostávamos de lhe ouvir dizer esses versos) -- isto anda tudo ligado!

[...].

**FERNANDO PAULO RO NEVES.** Jornalista.

<http://www.fernandopaulouro.com/2015/06/ler-para-respirar.html>

# Leituras para o Verão

Com os primeiros calores, já se sabe, é fatal como o destino, jornais e revistas, e uma vez por outra alguma televisão de gostos excêntricos, vêm perguntar ao autor destas linhas que livros recomendaria ele para ler no Verão. Tenho-me furtado sempre a responder, porquanto considero a leitura actividade suficientemente importante para dever ocupar-nos durante todo o ano, este em que estamos e todos os que vierem. Um dia, perante a insistência de um jornalista teimoso que não me largava a porta, resolvi ladear a questão de uma vez por todas, definindo o que então chamei a minha “família de espírito”, na qual, escusado será dizer, faria figura de último dos primos. Não foi uma simples lista de nomes, cada um deles levava a sua pequena justificação para que melhor se entendesse a escolha dos parentes. Incluí nos *Cadernos de Lanzarote* a imagem final da “árvore genealógica” que me tinha atrevido a esboçar e repito-a aqui para ilustração dos curiosos. Em primeiro lugar vinha Camões porque, como escrevi em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, todos os caminhos portugueses a ele vão dar. Seguiam-se depois o **Padre António Vieira**, porque a língua portuguesa nunca foi mais bela que quando a escreveu esse jesuíta, **Cervantes**, porque sem o autor do *Quixote* a Península Ibérica seria uma casa sem telhado, **Montaigne**, porque não precisou de Freud para saber quem era, **Voltaire**, porque perdeu as ilusões sobre a humanidade e sobreviveu ao desgosto, **Raul Brandão**, porque não é necessário ser um génio para escrever um livro genial, o *Húmus*, **Fernando Pessoa**, porque a porta por onde se chega a ele é a porta por onde se chega a Portugal (já tínhamos Camões, mas ainda nos faltava um Pessoa), **Kafka**, porque demonstrou que o homem é um coleóptero, **Eça de Queiroz**, porque ensinou a ironia aos portugueses, **Jorge Luis Borges**, porque inventou a literatura virtual, e, finalmente, **Gogol**, porque contemplou a vida humana e achou-a triste. Que tal? Permitam-me agora os leitores uma sugestão. Organizem também a sua lista, definam a “família de espírito” literária a que mais se sentem ligados. Será uma boa ocupação para uma tarde na praia ou no campo. Ou em casa, se o dinheiro não deu para férias este ano.

**José Saramago (1922-2010)**. Prémio Nobel de Literatura 1998.

*O Caderno 2*, Editorial Caminho-2009, pp 161-162.

# o estado do mundo não é um golpe de azar

**P**OUCAS SITUAÇÕES GERAM UM TÃO ELEVADO NÚMERO DE opiniões coincidentes como a do estado desgraçado em que o mundo se encontra. Exceptuando os donos da opulência, poucos em número embora soberanos no poder, os tolos que argumentam com um optimismo incurável enquanto o sangue da tragédia humana planetária jorra em cascata sob os seus olhos, e os iludidos crentes de vários matizes que, contra todas as evidências, ainda acham que as divindades vão curar as chagas cada vez mais profundas, a esmagadora maioria dos seres terrestres, pelo menos no íntimo das suas consciências, não duvidam da situação dramática a que isto chegou.

O objectivo deste escrito não é o de enumerar as guerras, relatar os casos identificados de rapina global, as operações gananciosas e impunes para destruição do planeta. As atrocidades são tantas, e engendradas segundo artifícios tão diversificados, que o risco seria o de banalizar os crimes e deixá-los apenas alinhados como numa fatigante e inexpressiva lista telefónica.



Importante será lembrar, à luz de uma ou outra realidade grave e antes que o seu destino seja o esquecimento, isto é, a impunidade dos criminosos, que o estado do mundo não é um terrível caso de azar, um nefasto golpe de má sorte.

Nada disso. A degradação do mundo do ser humano é obra do próprio ser humano através de poderes delegados naqueles que menos deveriam exercê-los, os principais dirigentes mundiais em exercício. Entre os titulares de cargos que têm realmente capacidade para influir nas coisas do mundo não há um único que se aproveite, competem entre si nas capacidades e atributos para fazer degenerar os assuntos internacionais sem qualquer respeito pelos seres humanos.

Em consciência deveria abrir aqui um parêntesis para registar uma potencial e muito recente excepção, a do papa Francisco. É um homem que põe os dedos nas chagas mundiais e faz os diagnósticos correctos. Porém, fala directamente às consciências, coisas anacrónicas que os dirigentes mundiais, para o serem, erradicaram das suas pessoas. Francisco prega no deserto: quem o escuta não tem poder; os que decidem não o ouvem, por muito que lhe acenam ou sorriam.

Fechado o parêntesis, é altura de evocar um exemplo recente e que reúne muitos dos comportamentos que caracterizam as mentalidades desviantes dos que verdadeiramente nos governam. O caso chegou à comunicação social dominante com algum vigor – porque tem nutridos conteúdos de mentira e escândalo – mas, envolvendo quem envolve, caminha rapidamente para o esquecimento de onde não há que esperar qualquer consequência, muito menos a punição dos responsáveis.

É o que acontece com o **Relatório Chilcot**, elaborado em Inglaterra e que desnuda, sem margem para dúvidas, o comportamento vergonhoso do ex-primeiro ministro Tony Blair e dos seus comparsas da Cimeira das Lages – George W. Bush, José María Aznar e Durão Barroso. Nesta reunião magna nos Açores foram acertadas as trapaças e ordenados os falsos pretextos para a invasão do Iraque em 2003. Treze anos e milhões de vítimas inocentes depois, entre mortos, feridos, estropiados e desalojados num país ora destruído, o caos instalou-se em todo o Médio Oriente e o terrorismo dito islâmico dele decorrente tornou-se um foco de sobressalto mundial.



George W. Bush, um ícone das atrocidades universais contra os direitos humanos, goza uma reforma dourada nos seus ranchos; José María Aznar usufrui das imensas regalias que em Espanha continuam a gratificar os franquistas de novo ou velho tipo; Durão Barroso foi contemplado com a presidência da Comissão Europeia e, a seguir, com um lugar executivo na seita governante conhecida como **Grupo de Bilderberg** e uma posição de topo no Goldman Sachs, o superbanco mafioso que, segundo o seu presidente, “faz o trabalho de Deus” na Terra.

E Tony Blair? Pois esse bom católico que reduziu o Partido Trabalhista Britânico a uma parte do partido único neoliberal de inspiração thatcherista, dedica-se a conferências milionárias e a aconselhar governos intrinsecamente democráticos como são a ditadura militar do Egipto e a sádica e terrorista petroditadura da Arábia Saudita.

Mas provavelmente muitas pessoas já se esqueceram de que Tony Blair é o chefe do chamado “Quarteto para a Paz no Médio Oriente”. Não é ficção negra, é verdade factual: continua à cabeça dessa engenhoca que nasceu moribunda mas serve para encobrir, com o aval dos poderes mundiais, a colonização contínua da Palestina por Israel, mesmo depois de revelado o conteúdo do Relatório Chilcot. Um dos dirigentes mundiais que desencadeou uma guerra que deu origem a uma nova e acelerada fase de destruição do Médio Oriente é também o chefe do “Quarteto para a Paz no Médio Oriente”.

E quem constitui esse Quarteto? Os Estados Unidos, como não podia deixar de ser; a ONU, actualmente uma correia de transmissão de Washington e do Pentágono; a União Europeia, desempenhando o papel de corpo presente, reservando toda a agressividade contra os povos mais desprotegidos dos países europeus; e a Rússia de Putin.

O Quarteto pode ser uma caricatura, mas junta as principais forças e organizações mundiais sob a chefia de Tony Blair, um dos responsáveis por um dos maiores crimes dos nossos tempos.

Salta à vista que o estado degenerado do mundo não é fruto de um golpe de azar, de uma nefasta conjuntura de má sorte.

**José Goulão.** Jornalista.

<http://mundocaohoje.blogspot.pt/> (08-08-2016)

# Situação Mundial da Infância 2016

## Uma oportunidade justa para todas as crianças



**A vida e o futuro de milhões de crianças estão em risco. Mas temos uma escolha: investir nas crianças mais excluídas agora ou arriscar termos um mundo mais dividido e injusto no futuro.**

A manterem-se as tendências atuais, **69 milhões de crianças com menos de cinco anos morrerão** maioritariamente de causas evitáveis, **167 milhões de crianças viverão na pobreza**, e **750 milhões de mulheres terão casado durante a infância** até 2030, data definida como meta para a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável—a menos que a comunidade internacional dê maior atenção à causa das crianças mais desfavorecidas.

[\*A Situação Mundial da Infância\*](#), relatório anual de referência da UNICEF, traça um **cenário sombrio sobre o que espera as crianças mais pobres do mundo** se os governos, os doadores, as empresas e as organizações internacionais não acelerarem **esforços para responder às suas necessidades**.

“Recusar a centenas de milhões de crianças a igualdade de oportunidades ameaça não apenas o seu futuro — pois alimenta ciclos de desvantagem intergeracional — como compromete também o futuro das suas sociedades. Mas temos uma opção: investir nestas crianças agora ou permitir que o mundo se torne ainda mais desigual e dividido.”

O relatório destaca os **progressos significativos alcançados** no que diz respeito à **sobrevivência das crianças**, à **educação** e à **luta contra a pobreza**.

Ao nível mundial, as taxas de mortalidade de menores de cinco anos baixaram para menos de metade desde 1990, a paridade entre rapazes e raparigas no que diz respeito à frequência do ensino primário é uma realidade em 129 países, e o número de pessoas que vivem na pobreza extrema é quase metade do que era nos anos 90.

**Mas estes progressos não foram nem uniformes nem justos.** As **crianças mais pobres têm duas vezes mais probabilidades de morrer antes dos cinco anos e de sofrer de subnutrição crónica** do que as crianças mais ricas. Em grande parte do sul da Ásia e da África subsariana, as crianças filhas de mães não escolarizadas têm 3 vezes mais probabilidades de morrer antes dos 5 anos do que as crianças

de mães que frequentaram o ensino secundário. E as raparigas das famílias mais pobres têm duas vezes mais probabilidades de casar na infância do que as de famílias mais ricas.

Em nenhuma outra região as perspetivas são tão preocupantes como na **África subsariana**, onde pelo menos 247 milhões de crianças — ou seja, 2 em cada 3 — vivem em pobreza multidimensional, privadas do que necessitam para sobreviver e se desenvolverem, e onde perto de 60 por cento dos jovens entre os 20 e os 24 anos, pertencentes aos 20 por cento mais pobres da população, tiveram menos de quatro anos de escolaridade.

**A manterem-se as atuais tendências, segundo as projecções do relatório, os dados relativos à África subsariana, em 2030, serão:**

- Perto de metade dos 69 milhões de mortes de crianças menores de cinco anos serão devidas a causas maioritariamente evitáveis;
- Mais de metade dos 60 milhões de crianças em idade escolar primária continuarão fora da escola; e
- 9 em cada 10 crianças viverão na pobreza extrema.

Apesar de a **educação desempenhar um papel crucial na igualdade de oportunidades para as crianças**, o número de crianças que não frequentam a escola aumentou desde 2011, e uma parcela significativa das que estão na escola não estão a aprender. Atualmente, cerca de 124 milhões de crianças não frequentam o ensino primário ou o primeiro ciclo do secundário e quase 2 em cada 5 que terminam o ensino primário não aprenderam a ler, escrever ou a fazer operações aritméticas simples.

O relatório apresenta dados que indicam que **investir nas crianças mais vulneráveis pode produzir benefícios imediatos e a longo prazo**. Os subsídios em dinheiro, por exemplo, demonstraram contribuir para que as crianças permaneçam mais tempo na escola e para que prossigam a sua escolaridade para níveis superiores de ensino. Em média, cada ano adicional de escolaridade que uma criança frequenta traduz-se por um aumento de cerca de 10 por cento dos rendimentos que auferem na idade adulta. Em média por cada ano adicional de escolaridade que os jovens de um país completam as taxas de pobreza desse país diminuem cerca de 9 por cento.

**As desigualdades não são inevitáveis nem intransponíveis**, defende o relatório. Melhores dados sobre as crianças mais vulneráveis, soluções integradas para os desafios que as crianças enfrentam, formas inovadoras para responder a problemas antigos, investimentos mais equitativos e um maior envolvimento por parte das comunidades — são medidas que podem ajudar a esbater as desigualdades para as crianças.

LEIA O RELATÓRIO DIGITAL DA UNICEF “SITUAÇÃO MUNDIAL DA INFÂNCIA” [State of the Worlds Children] aqui: <http://www.unicef.org/sowc2016/>